

## 7. HISTORIOGRAFIA E HERMENÊUTICA DA FILOSOFIA BRASILEIRA SEGUNDO GERALDO PINHEIRO MACHADO

*Paulo Roberto Andrade de Almeida*

*DFIME/UFSJ*

[pandrade@ufsj.edu.br](mailto:pandrade@ufsj.edu.br)

*Data de recepção: 15/01/2018*

*Data de aprovação: 09/03/2018*

### **Resumo:**

O objetivo do presente artigo é apresentar a trajetória intelectual de Geraldo Pinheiro Machado, especialmente no que se refere à sua opção pelo tomismo, sua rigorosa investigação acerca do pensamento filosófico brasileiro e sua ligação com o aspecto histórico. Ligado ao movimento católico, o pesquisador se destaca em relação ao perfil ordinário do movimento. Seu trabalho se sustenta sobre a ideia de se buscar as próprias fontes da filosofia, ao invés de se fazer interpretação de interpretações. A leitura indireta, segundo ele, não conduz o homem à construção de grandes ideias. Só a crítica bem fundamentada pode caracterizar a cultura brasileira como eminentemente filosófica. A partir desta constatação, busca integrar o Brasil à cultura universal, o que teria lugar a partir de acontecimentos sociais, políticos, econômicos e culturais. Verifica grande desenvolvimento da perspectiva filosófica no início do século XX. Propõe a superação dos estrangeirismos e cuida de inventariar a história do pensamento filosófico no Brasil, identificando-lhe desafios.

**Palavras-chave:** Filosofia brasileira. Tomismo. Movimento católico. Historiografia da filosofia.

### **1.Considerações iniciais**

Geraldo Pinheiro Machado nasceu em São Paulo, no ano de 1918, onde fez seus estudos. Graduou-se em Filosofia pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo concluído seu doutorado na mesma Instituição, em 1974.

Pinheiro Machado tem carreira marcante dentre os grandes representantes do tomismo no Brasil. Ligado ao Centro Dom Vital, é figura de proa no movimento católico, embora tenha assumido posição de destaque em relação ao perfil ordinário do movimento. Se podemos colocar já em evidência uma de suas peculiaridades intelectuais, vincularíamos seu trabalho ao esforço desmedido de valorizar a produção filosófica brasileira, reconhecendo-lhe a situação histórica.

Metódico, disciplinado, grande entusiasta da pesquisa acadêmica, dedicou-se à implementação da pós-graduação em Filosofia na Universidade em que se formara e cuidou de longo e profícuo trabalho de inventariar a bibliografia disponível para estudos de autores e temas de interesse filosófico para o Brasil. Via na cultura filosófica a possibilidade do indivíduo se inteirar da realidade nacional e, de forma crítica, caminhar na direção de soluções aos grandes problemas nacionais.

Pinheiro Machado traduziu textos de Santo Thomas de Aquino, de Étienne Gilson e de Régis Jolivet. Paralelamente às mais importantes obras que apresentava e comentava e, muitas vezes, tecia respeitosas críticas, quanto ao seu conteúdo, metodologia ou caráter ideológico, fazia a indicação da biblioteca, onde o leitor poderia ter acesso à obra em epígrafe. Entretanto,

este cuidado pedagógico foi suspenso logo após sua morte, ocorrida em fins de 1985, em sua terra natal.

Pinheiro Machado viveu 67 anos, a maior parte deles dedicada à cultura e à filosofia brasileira. Sua vida acadêmica intensa foi coroada pelas traduções de grandes autores – como afirmamos acima – além de escritos vinculados à historiografia da filosofia no Brasil. É o caso de *A Filosofia do Brasil*, escrito em 1961 e publicado em 1963 e de *1.000 títulos de autores brasileiros de filosofia* (1983). Merece destaque, também, *A noção de ser em Martin Heidegger: comparadas no plano de um primeiro momento de ontologia* (1955) e *A crítica filosófica e o livro: fatos do espírito humano de Gonçalves de Magalhães*, que corresponde à sua tese de doutorado, defendida e publicada pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 1974. O autor conta também com inúmeros artigos publicados em periódicos e anais de Congressos.

Embora tenhamos hoje literatura bastante escassa acerca da vida, obras e pensamentos deste paulista, ardoroso defensor e intérprete de Santo Thomas de Aquino, vale registrar os trabalhos de Pinharanda Gomes, Stanislaus Ladusâns, Ubiratan Borges de Macedo e Miguel Reale, seu contemporâneo e amigo, que se manifestaram com reconhecimento pelo empenho de Pinheiro Machado em colocar a produção filosófica brasileira nos trilhos de uma filosofia de caráter universal.

## 2. A contribuição de Pinheiro Machado à historiografia filosófica

É importante observar que ao prefaciар sua obra *A filosofia no Brasil*, em novembro de 1961, Pinheiro Machado lhe atribuiu o *status* de complemento à *História da Filosofia* de Johannes Hirschberger sobre a filosofia no Brasil, adotando, porém, nova postura metodológica em relação aos textos e autores estudados. Bem ao estilo de Jackson de Figueiredo, sugere o recurso imediato às fontes mesmas, eximindo-se de tomadas de posição criticamente mal fundamentadas. O autor manifesta ali o interesse de que seu trabalho não substitua os textos originais. Antes, remeta o leitor a uma pesquisa sempre mais aprofundada acerca dos temas, diretamente em suas fontes.

Outro aspecto evidenciado pelo autor naquela ocasião diz respeito ao tipo de filosofia que se produzia no Brasil: ora vinculada aos estudos de lógica, ora à filosofia aplicada às várias áreas do conhecimento humano (artes, religião, política etc.). Raras são as obras ligadas à filosofia pura. Avalia tal circunstância como “valorização do espírito filosófico”, por um lado, e o esforço de um povo que tem o cuidado de não ficar “inventando metafísicas sucessivas”. E, pelo volume de obras literárias ou filosóficas disponíveis, admite que a atitude filosófica esteja inserida na cultura do povo brasileiro (MACHADO, 1976, p.10).

Transcorrido um decênio e meio Pinheiro Machado cuidaria de prefaciар a 3ª edição da referida obra, momento em que acrescenta algumas notas explicativas, atendendo a lacunas deixadas pelo texto original e atualizações da obra, além de correções pontuais.

Vale lembrar que o autor registra significativo crescimento da literatura filosófica no Brasil. A guisa de exemplo, cita o surgimento de três importantes revistas naquele ano de 1975, que agregavam proeminentes pesquisadores. São elas: *Transformação*, Revista de Filosofia da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Assis; *Presença Filosófica*, da Sociedade Brasileira de Filósofos Católicos, sob a direção de Stanislaus Ladusans e *Reflexão*, da Pontifícia Universidade Católica de Campinas, cujo primeiro número apresenta a preocupação com o pensamento filosófico brasileiro, no texto *A questão da autenticidade da filosofia brasileira*, de Antônio Joaquim Severino.

Concomitante à observação de que o crescimento literário e filosófico no Brasil vinha aumentando, Pinheiro Machado prevê uma tendência à especialização da produção filosófica no

Brasil, especialmente em três áreas específicas: a filosofia do Direito, que já marcara tradição consolidada entre nossos intelectuais, desde o século XIX, a filosofia da educação e a filosofia da ciência, exigência dos programas universitários de pós-graduação vigentes naquele momento.

O livro se divide em duas partes: a primeira dedicada a textos escritos entre os séculos XVI e XVIII, naquele momento, ainda pouco conhecidos ou ainda não suficientemente estudados. Tratava-se, muitas vezes, de manuscritos. Mereceram destaque na abordagem de Pinheiro Machado a obra de Diogo Gomes Carneiro (1618-1676), Frei Gaspar do Desterro (1652-1706), frei da Encarnação Pina, Nuno Marques Pereira (1652-1728), Frei Gaspar da Madre de Deus (1715-1800) e Matias Aires. Eram obras ligadas à escolástica, cujo conteúdo sugeria grande interesse histórico, podendo aí ser encontrado algum elemento de teor filosófico. Destacaram-se, também, neste quadro as obras do Padre Antônio Vieira 1 (1608-1697), que receberam especial atenção de Ivan Lins, em publicação de 1956.

Pinheiro Machado se reporta ao texto do Padre Manoel da Nóbrega, no qual defende a ideia de livre permanência dos nativos no estado selvagem ou o mais alto grau de integração humana, através da conversão religiosa. Nesse aspecto, o Padre Nóbrega se contrapunha à mentalidade corrente na Europa de então, de que os indígenas não seriam homens, motivo pelo qual não lhes caberia a liberdade.

Tomas Antônio Gonzaga e seu *Tratado de Direito Natural*, publicado em Portugal, em 1744 e reeditado no Brasil em 1957 sugere também algum valor filosófico. Ouvidor em Vila Rica, Gonzaga se tornaria um dos mais importantes inconfindentes.

Dentre as várias ordens religiosas trazidas para o Brasil no processo colonizatório, destaca-se a Companhia de Jesus, que cuidou logo do processo de aculturação dos índios. Os jesuítas dominaram todo o processo educacional e catequético em Portugal e Brasil desde início do século XVI até meados do XVIII quando, em 1759, a Reforma Pombalina os expulsara dos domínios portugueses. Por isso – observa Pinheiro Machado – e com a ausência de dominicanos, faltou ao Brasil, no primeiro momento de sua história, dita *civilizada*, a alta ciência filosófico-teológica, de que dispunha a Igreja. Os dominicanos só entrariam no país ao final do século XIX. Sem descuidar da formação catequética dos iniciantes, estiveram ligados à formação universitária, principalmente no Rio de Janeiro, Belo Horizonte e São Paulo.

A rigor, os intelectuais recorriam às universidades europeias para sua formação. Paris era referência, depois de Coimbra. No Brasil, só em 1926 se instituiria a Universidade do Brasil, que não se efetivou. A primeira universidade brasileira a ser instalada foi a Universidade de São Paulo, em 1934 2.

Tal circunstância conduziria, talvez, ao primeiro sentimento de nacionalidade no Brasil, registrado entre os séculos XIX e XX: isolado do resto do mundo, começa a surgir no país o desejo de se integrar ao mundo. Quer do ponto de vista econômico, quer do político, quer do ponto de vista cultural.

Pinheiro Machado situa a integração do Brasil ao plano universal a partir do século XIX, marcada pela vinda de D. João VI e a família real para o Brasil e as conseqüentes transformações que ocorreram no plano político, econômico e cultural, em decorrência da instalação aqui da corte portuguesa. Somando-se a isso a Proclamação da Independência, em 1822.

No que tange à produção filosófica, o momento seria marcado por obras publicadas entre 1833 e 1859, período que corresponde à formação e apogeu do período eclético no Brasil. A literatura se caracterizou pela elaboração de compêndios, destacando-se Morais Torres, Ferreira França, Gonçalves de Magalhães e Monte Alverne. Seguir-se-ia a este momento a presença de três grandes correntes filosóficas: o positivismo, o tomismo e o evolucionismo. Todo este quadro filosófico, fora sistematizado por Silvio Romero em *A Filosofia no Brasil* (1878).

A segunda parte do livro *A Filosofia no Brasil* refere-se à produção filosófica brasileira que teve lugar após a Primeira Guerra Mundial. Momento marcado pela renovação do pensamento católico, pelo desenvolvimento do estudo histórico da filosofia brasileira e pela inclusão da filosofia no ensino superior.

Observa Pinheiro Machado que no ano de 1960 o Brasil contava com 58 Faculdades de Filosofia, das quais a maioria em São Paulo, Rio Grande do Sul e Paraná. Naquele ano, 1620 alunos foram matriculados em filosofia em todo o país, com o concurso de expressivo número de professores.

Pinheiro Machado dedica algumas páginas à apreciação do trabalho de Jackson de Figueiredo. Observa que o curto espaço de tempo que marca a trajetória intelectual de Jackson de Figueiredo (1891-1928) é dedicado à militância em prol da Igreja Católica. Iniciador do movimento de renovação do pensamento católico, um expressivo grupo de seus seguidores, (mais que ele próprio, certamente) tem grande afinidade com o tomismo representado por Jacques de Maritain, tanto do ponto de vista especulativo, como da prática, aplicada a questões políticas, da arte ou da educação. Jackson de Figueiredo é o responsável por conciliar o pensamento moderno e a concepção cristã, circunstância que tem lugar após sua conversão em 1918.

Sua formação está estreitamente ligada às teses fundamentais da Escola do Recife e à Faculdade de Direito da Bahia (1909-1913), onde demonstrou já sua inquietação intelectual e filosófica, ao não se adequar ao modelo cientificista, dogmático, vigente. Antes, vivia a dimensão poética, entendendo o drama da existência humana como expressão da esperança e do poder do homem de traçar seus próprios caminhos.

Possuidor de espírito boêmio, Jackson encontrara no pensamento de Raimundo Farias Brito a âncora para firmar o primado da fé sobre a razão. A fé religiosa é a base do conhecimento. Conclui – contrariamente a Farias Brito – que a razão não é fonte do conhecimento, mas a fé. Portanto, a religião antecede as filosofias e a filosofia é a ação da fé. Ora, sendo a fé anterior à razão, na perspectiva do conhecimento, ela corresponde à participação na ciência divina, o auto- conhecimento de Deus e das coisas criadas é ensinado aos homens pelo Criador. Tal circunstância coloca em absoluto descrédito a razão como fonte de todo conhecimento humano.

Defensor da fé revelada, postulava Jackson de Figueiredo um antirracionalismo radical e confessava absoluta despreocupação com a felicidade. Dizia-se atraído pela ideia de não descansar, mas de avançar sempre, entre sofrimentos e alegrias, rumo à realização de sua *tarefa*.

Seus textos, em geral, tinham caráter político e manifestavam forte sentimento nacionalista. Identificava *brasilidade* com *catolicidade*. Fundou a Revista *A Ordem*, em 1921 e o Centro Dom Vital, em 1922, que passaram a ser dirigidos por Alceu Amoroso Lima, após sua morte prematura, em 1928.

Outra figura que mereceu a atenção de Pinheiro Machado, na construção de sua historiografia ligada à filosofia nacional foi o Padre Leonel França (1893-1948), responsável pela fundação da Universidade Católica do Rio de Janeiro (1940), membro do Conselho Nacional de Educação e exímio participante do Centro Dom Vital. É apresentado por Pinheiro Machado como figura das mais importantes da história cultural brasileira.

O período compreendido entre os trabalhos de Silvio Romero e Padre Leonel França, embora corresponda a cerca de meio século, não apresenta produção filosófica de grande relevância, como observa Pinheiro Machado, sustentando-se nas palavras de Jônatas Serrano e Joao Cruz Costa. **3**

O aspecto literário teria sido mais fecundo nesta primeira metade do século XX, com as presenças marcantes de Graça Aranha e Mário de Andrade. Contemporâneos à Semana de Arte

Moderna de São Paulo (1922), participaram da chamada *revolução estética*, mas não podem ser chamados de filósofos, propriamente.

O Livro *A Filosofia no Brasil*, de Pinheiro Machado conta com um *Adendo* apresentado pela Prof<sup>ª</sup>. Maria Lúcia Lorenzo Rivera, da Faculdade de Filosofia de Santos, datado também de 1961, que oferece significativa contribuição ao inventário realizado pelo autor.

O *Adendo*, intitulado *Situação atual da literatura filosófica brasileira*, apresenta Alceu Amoroso Lima como dos mais proeminentes escritores no curso do pensamento brasileiro, tendo assumido liderança intelectual nas décadas de 1930 a 1950. Depois de converter-se ao catolicismo, Amoroso Lima passaria a integrar o grupo militante de Jackson de Figueiredo, assumindo, através da ação católica, preocupação com questões sociológicas, econômicas, políticas, filosóficas e religiosas, sem abandonar as literárias.

Tradutor de obras de Jacques de Maritain, está, entretanto, mais ligado à crítica literária que à filosofia propriamente dita. Mas seu nome se tornara referência na Ação Católica desde 1930, contribuindo para a elaboração da doutrina social da Igreja e a criação do sistema universitário católico. Participou também da Liga Eleitoral, em 1934 e 1945 e do movimento da democracia cristã de 1946. Ao elencar a contribuição de Amoroso Lima ao pensamento católico do Brasil, a Prof<sup>ª</sup>. Lorenzo Rivera cogita, inclusive, a sua influência sobre a Encíclica *Mater et Magistra*.

O *Adendo* da Prof<sup>ª</sup>. Lorenzo Rivera cita várias figuras, cujos nomes se destacaram no panorama da filosofia brasileira em meados do século XX, como Djacir Menezes, o Pe. Henrique Cesar de Lima Vaz, no Rio de Janeiro, Gustavo Corção, no centro D. Vital, Ivan Lins, Pontes de Miranda, aquele positivista, este ligado diretamente ao neo-positivismo do Círculo de Viena.

Em São Paulo, mereceu destaque o nome de Miguel Reale, fundador do Instituto Brasileiro de Filosofia, juntamente com outros grandes pensadores da filosofia nacional. Reale estaria ligado também à publicação da *Revista Brasileira da Filosofia*, desde 1951 e à fundação da sociedade Interamericana de Filosofia (1954), além de inúmeras obras e artigos ligados à filosofia e ao direito.

Renato Cirell Czerna, Heraldo Barbuy, Luiz Washington Vita e Leonardo Van Acker são alguns dos integrantes do Instituto Brasileiro de Filosofia. Também na Faculdade de Filosofia da Universidade de São Paulo, aparecem com reconhecimento os nomes de Roque Spencer Maciel de Barros e Caio Prado Jr. Em Minas Gerais, João Camilo de Oliveira Torres e Artur Versiani Veloso. No Rio Grande do Sul, Gerd A. Bornheim. Na Bahia, Nelson de Sousa Sampaio. Enfim, o *Adendo* da Prof<sup>ª</sup>. Lorenzo Rivera que integra o livro de Pinheiro Machado é um inventário minucioso, exaustivo de nomes e obras que, de alguma forma, se destacaram no cenário filosófico brasileiro.

Em breve homenagem a Geraldo Pinheiro Machado, por ocasião de sua morte, Miguel Reale registra a perda de importante nome para o pensamento filosófico brasileiro, ao reconhecer seu trabalho de investigação sobre a filosofia nacional, realizado desde a década de 50. Católico por opção, Pinheiro Machado foi adepto convicto do neotomismo, num momento em que a maioria dos pensadores se dizia culturalista. Cuidou de dar novo alento à interpretação e prática filosóficas a partir do pensamento de Santo Thomas. De fato, na sua obra magna, *A Filosofia no Brasil*, escrita em 1961 e publicada dois anos mais tarde, Pinheiro Machado se afastaria do modelo tradicional da historiografia brasileira, sugerindo o recurso direto às fontes mesmas da filosofia ou à obra diretamente do filósofo em apreço, como forma de se entender o que ele pretendeu expressar naquele momento de sua existência. O comentário *jornalístico* sobre obras de filosofia não contribuiria significativamente para o desenvolvimento do pensamento filosófico – segundo seu entendimento, expresso nas páginas de 1961. Outro aspecto que mereceu postura singular de Pinheiro Machado, com relação à historiografia da

filosofia brasileira diz respeito ao hábito de se manifestar de antemão, a favor ou contra determinado tipo de reflexão, sem antes entender-lhe as motivações, interesses, perspectivas do filósofo estudado. O *pré-conceito* ou conceito *a priori* sobre qualquer texto trai a perspectiva filosófica de apreensão de um raciocínio que quer manifestar alguma verdade sobre o mundo e o homem. Quiçá sobre Deus.

Pinheiro Machado exerceu o magistério na Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, tendo participado desde jovem do maritainismo brasileiro. Sua morte representou de fato, perda inestimável ao trabalho de investigação sobre a produção filosófica no país.

Em artigo datado de 1981, Pinheiro Machado tece um paralelo entre as filosofias desenvolvidas em Portugal e no Brasil. Observa que há certa identidade entre o que se desenvolve naquele momento num e noutro país: trata-se de questões de interesse jurídico, a filosofia do direito, mas o que mais lhe chama a atenção é o fato de que – segundo ele – ambos os países se encontram em semelhante estágio cultural, sob o ponto de vista da tomada de consciência histórica global do pensamento filosófico 4.

### 3.Considerações finais

Na verdade, trata-se de uma análise comparativa entre o jovem estudante de Direito, Lopes Praça, que se aventura pela historiografia (da filosofia) portuguesa e Silvio Romero, também jovem universitário, dedicado ao estudo dos rumos da filosofia no Brasil. Ambos enxergam sérias dificuldades no seu objeto de estudos. No caso brasileiro, que é o que mais nos interessa no presente momento, vale observar que a grande aporia apresentada por Silvio Romero é a falta de continuidade entre os vários autores e temas. Tal circunstância se devia, certamente, ao fato de que nossos autores, cada um a seu modo, a seu tempo, buscava se atrelar a determinado autor ou obra estrangeira, não havendo significativo debate entre ideias no Brasil de então. Além disso, constata Pinheiro Machado que a perspectiva cosmopolita de Silvio Romero se contrasta com o nacionalismo individualista de Lopes Praça que, na maturidade, abandonaria a preocupação com questões filosóficas.

Portanto, da comparação entre tais perspectivas, resta em comum a valorização do estrangeirismo, o que sugere maior atenção ao problema, na ótica de Pinheiro Machado. Se no país d'além mar não se pode encontrar grandes filósofos em sua história, Silvio Romero admitiria que aqui os há, porém entre eles não se pode ver seriação de ideias, o que caracteriza enorme desafio comum às filosofias portuguesa e brasileira do século XIX e primeira metade do século XX.

#### NOTAS:

1. *Aspectos do Padre Vieira*. Rio de Janeiro: Livraria São José ed., 1956.

2. José Antônio Tobias alega que a primeira universidade a ser criada no Brasil teria sido a Universidade do Paraná, em Curitiba. Na verdade, ele documenta a criação daquela Universidade em 1912, com a contratação de professores e oficialização, através de lei estadual de 1913. (Veja, a esse respeito: TOBIAS, J. A. *O ensino de filosofia nas universidades brasileiras*. Washington: Organização dos Estados Americanos, 1968, p. 14 ss.).

3.Cf. *História da Filosofia*. Rio de Janeiro: Zélio Valverde, 1944 e *Panorama da História da Filosofia no Brasil*, 1960, respectivamente citados por MACHADO, 1961, p. 26: nota 20).

4.Veja, a esse respeito, MACHADO, G. P. *Um aspecto da filosofia brasileira e portuguesa no século XIX*. In: *Presença Filosófica*: São Paulo: SBFC, n. 3, v. VII, p. 111, abr./set. 1981.

**Referências Bibliográficas:**

MACHADO, Geraldo Pinheiro. **A Filosofia no Brasil**. 3. ed. São Paulo: Cortez e Moraes Ltda., 1976.

\_\_\_\_\_. **Um aspecto da Filosofia Brasileira e Portuguesa no século XIX**. *Presença Filosófica*: São Paulo: SBFC, n. 2 e 3, v. VII, p. 110-114, abr./set. 1981.

\_\_\_\_\_. **Filosofia Brasileira do Direito**. *Reflexão*: Campinas: PUCCAMP, n. 26, v. 08, p. 38-42, 1983.

REALE, Miguel. **Geraldo Pinheiro Machado (1918-1985)**. *Revista Brasileira de Filosofia*: São Paulo: IBF: v. XXXV, f. 141, p. 5-6, jan.-mar. 1986.

**Abstract:**

The goal of this article is to present the intellectual trajectory of Geraldo Pinheiro Machado, especially regarding his choice for Thomism, his rigorous research on Brazilian philosophical thought and its connection with the historical aspect. Connected to the Catholic movement, the researcher stands out in relation to the ordinary profile of the movement. His work is based on the idea of seeking the very sources of philosophy, rather than interpreting interpretations. Indirect reading, according to him, does not lead man to the construction of great ideas. Only well-founded criticism can characterize Brazilian culture as eminently philosophical. From this finding, it seeks to integrate Brazil into the universal culture, which would take place from social, political, economic and cultural events. It verifies great development of the philosophical perspective in the beginning of century XX. It proposes the overcoming of foreignisms and takes care of inventing the history of philosophical thought in Brazil, identifying challenges to it.

**Keywords:** Brazilian Philosophy. Thomism. Catholic movement. Historiography of philosophy.